

TOM HOLLAND

Guerra e paz
na Era de Ouro
de Roma

PAX

“Tom Holland tem um dom invejável para evocar as cores, os personagens
e a vivacidade do passado.” – *THE INDEPENDENT*

CRÍTICA

TOM
HOLLAND

Guerra e paz
na Era de Ouro
de Roma

PAX

Tradução
Gil Reyes

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Tom Holland, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Copyright da tradução © Gil Reyes, 2026
Todos os direitos reservados.
Título original: *Pax: War and Peace in Rome's Golden Age*

Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Flávia Yacubian, Diego Franco Gonçalves
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Nico Taylor – LBBG
Imagem de capa: Arcangel / Stephen Mulcahey
Adaptação de capa: Heleni Andrade
Mapas: John Gilkes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Holland, Tom

Pax : guerra e paz na Era de Ouro de Roma / Tom Holland ; tradução de Gil Reyes. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
432 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-422-4488-5

Título original: Pax: War and Peace in Rome's Golden Age

1. Roma – História 2. História antiga I. Título II. Reyes, Gil

26-4324

CDD 937

Índice para catálogo sistemático:

1. Roma – História

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

<i>Dramatis Personae</i>	8
<i>Linha do tempo</i>	15
<i>Mapas</i>	19
<i>Prefácio</i>	21

PARTE UM: GUERRA

I. Os deuses tristes e infernais.....	43
II. Quatro imperadores.....	93
III. Um mundo em guerra.....	151

PARTE DOIS: PAZ

IV. Gigantes adormecidos.....	209
V. A aranha universal.....	259
VI. O melhor dos imperadores.....	301
VII. Construí este jardim para nós.....	345
<i>Agradecimentos</i>	391
<i>Notas</i>	392
<i>Bibliografia</i>	405
<i>Índice remissivo</i>	414

I

OS DEUSES TRISTES E INFERNALIS

Uma era de ouro

Sessenta e cinco anos após o nascimento de Cristo, a mulher mais celebrada em Roma tornou-se uma deusa. Na terra, um suntuoso funeral foi preparado para marcar sua ascensão aos céus. O cadáver dela, recheado com as mais caras especiarias que o dinheiro podia comprar, foi trazido em solene procissão até as encostas do Monte Palatino, a maior e mais exclusiva das sete famosas colinas da cidade. Era precedida por coros entoando hinos funerários e autoridades mascaradas e trajadas para parecerem os ancestrais da mulher falecida; soldados faziam sua escolta. Pelo fundo do vale que corre entre o Palatino e uma segunda colina menor, o Capitólio, a procissão seguia. Esse vale – o Fórum, como era conhecido – era uma localidade esplendidamente apropriada à ocasião. Pavimentado com mármore reluzente, rodeado por centros comerciais e adornado com uma verdadeira confusão de estátuas, templos e arcos, ficava no coração da maior cidade da terra.

“Roma, sede do império, morada dos deuses, contempla de suas sete colinas o circuito do globo.”¹ Assim um poeta, cerca de cinquenta anos antes, havia exaltado a cidade. A influência de Roma, ao longo dessas décadas, só se expandira. Mesmo a Britânia, terra pantanosa de bárbaros bebedores de leite, situada além do Oceano, fora obrigada a reconhecer seu domínio. Da Espanha à Síria, o Mediterrâneo todo era de Roma. Não havia nas praias desse antigo mar cidade tão rica, tão bela,

tão renomada que não cedesse lugar a Roma. Sua grandeza, enquanto a mulher morta era trazida em sombria procissão para o núcleo de edificações diante do Capitólio, era evidente por toda a volta. À direita dos enlutados, por exemplo, enquanto avançavam ao longo do Fórum, via-se uma sequência particularmente espetacular de templos e espaços abertos. O complexo tinha apenas cem anos. Erguia-se como um monumento à conquista. O primeiro trecho concluído, um fórum erguido por um grande estadista e chefe militar chamado Júlio César – homem de realizações tão transcendentais que acabara sendo tratado como um deus –, havia sido construído com o saque da Gália. O segundo trecho, outro fórum, fora igualmente bancado pelas vitórias obtidas percorrendo as extensões do mundo. O responsável por isso fizera mais que qualquer outro romano para expandir o poder de sua cidade. Augusto – “um nome que significava ser ele mais que humano”² – era sobrinho-neto de César e seu filho adotivo, e tal era sua glória que até colocara o próprio pai na sombra. Augusto fez-se governante do Egito, terra de incomparável riqueza e fertilidade; concluíra a pacificação da Espanha; esmagara com seus passos imperiosos os selvagens que espreitavam além do Reno. Obtivera saques numa escala de deixar estupefatos os conquistadores que o antecederam. Grande parte dos saques foram gastos para embelezar Roma. “Gabava-se de ter encontrado a cidade feita de tijolo e tê-la deixado feita de mármore.”³ Apropriadamente, o mais esplêndido de todos os muitos edifícios que patrocinara, um grande templo em seu fórum, adornado com estátuas e um telhado dourado, era dedicado a Marte, o deus da guerra. Atrás das distantes fronteiras, guarnecidas pela mais formidável força de combate que a história já conhecera, os povos do mundo civilizado viviam em paz. O próprio Augusto, uma vez concluído seu trabalho, ascendeu para se juntar a seu pai no céu.

Uma cidade que reinava como a capital do mundo era mais que uma cidade. Um século antes, um labirinto de ruas estreitas estendia-se onde os grandes complexos de mármore agora se erguiam. Blocos de apartamentos, oficinas, tabernas: tudo havia sido varrido. A calma substituiu o caos; a simetria, a confusão. A dignidade do local exigira nada menos que isso. Era não só o coração de Roma, mas o coração de tudo o que ficava além. Os enlutados, enquanto deixavam o corpo da falecida sobre uma rostra com fachada de mármore à sombra do Capitólio,

podiam ver erguendo-se atrás deles um monumento que tornava isso particularmente manifesto. Durante oitenta e cinco anos estivera ali: um marco gigante folhado a ouro. Augusto, o homem responsável por erigi-lo, o encomendara para marcar o ponto a partir do qual as distâncias ao longo do império deviam ser medidas. Fosse à beira do Saara, fosse às margens do Reno, ou no litoral do Oceano, um romano podia saber com certeza onde estava. Definia-o sua distância do Fórum. Todas as estradas levavam a Roma.

No entanto, o passado distante, quando lobos rondavam o Palatino e o Fórum era ainda um pântano, não foi esquecido. Poetas deleitavam-se retratando um tempo em que gado vagava pela futura capital do mundo e barcos velejavam pelo Tibre à sombra de florestas. Mas não era apenas na poesia que o povo romano podia encontrar lembretes dos primórdios de sua cidade. Logo adiante da rostra onde os que carregavam o caixão haviam depositado seu fardo era possível ver um trecho de pavimento distinto. Este, preto em contraste com o branco do muro baixo de mármore que o rodeava, era o Lapis Niger: a “Pedra Preta”. Estudiosos divergem quanto ao que significava exatamente, mas nenhum dúvida de que devia ser muito antiga. Alguns defendem que marcava o local do descanso final de Rômulo, o filho de Marte que, 817 anos antes, havia fundado Roma e dado à nascente cidade seu nome. Outros insistem que Rômulo, longe de apodrecer num túmulo, fora levado para os céus em meio a uma forte tempestade e trovões, e que era isso – o momento em que um romano pela primeira vez se tornava um deus – o que a Lapis Niger celebrava. Fosse como fosse, servia como memorial dos primeiros dois séculos e tanto da história da cidade: um tempo que os romanos viveram não como cidadãos, mas como súditos de um *rex* – um rei.

Sete homens ao todo, de Rômulo a um arrogante tirano chamado Tarquínio, ocuparam o trono de Roma. Por mais fabulosamente remotos no tempo que fossem esses reis, a Lapis Niger não era o único vestígio deles preservado no tecido da megalópole que Roma se tornara desde então. No Palatino, por exemplo, no qual Rômulo, ponderando onde iria fundar a cidade, havia visto doze abutres voando acima de sua cabeça – sinal infalível que deveria ser ali –, os visitantes podiam admirar sua choupana. Depois, seguindo pela estrada para o sul do Palatino

até os muros da cidade, chegavam a outra atração. Junto a um portal chamado Porta Capena, ao lado de um aqueduto com água pingando, havia um arvoredor; e, nesse arvoredor, uma fonte sagrada à memória do segundo rei de Roma, Numa Pompílio. Foi junto a essas águas que Numa, um filósofo erudito, fora instruído a respeito dos modos dos deuses por Egéria, uma ninfa. “Egéria o amou, e teve comunhão com ele, e foi isso o que lhe concedeu sabedoria sobre-humana, e uma vida rica em numerosas bênçãos.”⁴

Nem todo memorial aos reis ficava exposto ao público. Alguns haviam sido enterrados de vez – literalmente. Sob a Lapis Niger existia um santuário subterrâneo, e dentro um bloco de pedra com inscrições num enigmático latim. Escassamente decifrável, com letras truncadas que pareciam quase grego, ele testemunhava um tempo em que reis montavam guarda em arvoredos sagrados e conduziam touros ao sacrifício. Conservadores que eram, cientes de sua potência como emblema de um passado antigo, guardavam-nos junto a outros artefatos sob as pedras pretas do pavimento: pois haviam julgado melhor fazer isso que os destruir. Tais escritos dos primórdios da história de Roma podem muito bem conter uma carga de sobrenatural. A evidência mais dramática disso era encontrada num templo no cume do Palatino, onde eram guardados três rolos de profecias, inscritas em grego arcaico. Tarquínio comprara-os da Sibila, uma velha sacerdotisa que guardava uma entrada ao mundo subterrâneo nos arredores de Nápoles. Desses pergaminhos constavam remédios para toda calamidade, as temíveis advertências dos céus sobre tudo que estava predestinado a afligir o povo romano ao longo dos séculos. O acesso a esse material sensível era rigorosamente controlado. A morte visitava quem ousasse copiá-los. Continuaram sendo nos tempos de Nero o que sempre haviam sido: os maiores segredos de Estado.

Ao contrário dos Livros Sibilinos, a era dos reis fora relegada ao monte de esterco havia muito tempo. Em 509 a.C., 244 anos após a fundação de Roma, Tarquínio tinha sido expulso da cidade. A monarquia estava abolida. Agora, os poderes de Roma – o que os romanos chamavam de seu *imperium* – não eram mais exercidos por um único homem. Foram divididos entre uma gama de magistrados eleitos. Os mais eminentes – em número de dois, para que cada um ficasse de olho

no outro – eram chamados de cônsules. Eleições anuais ao consulado garantiam que nenhum homem ficasse no cargo mais de um ano por vez. A intenção era bem clara: conter as ambições de qualquer um que, se não fosse assim, poderia ficar tentado a aspirar à monarquia. Agora, como não eram mais súditos de um único homem, os romanos chegavam à condição de *cives*: cidadãos. A palavra “rei” se tornara praticamente um palavrão entre eles.

Isso, porém, não significava que os romanos desaprovassem que um cidadão desejasse a glória. Bem o oposto. A honra era vista como o último e único teste do valor. Os limites impostos ao mandato de um cônsul, embora impedissem que a magistratura fosse um degrau para a monarquia, faziam todo cidadão de destaque sonhar que também poderia obter um consulado. Era um sonho que nunca perdera força. E era por isso que, quase seis séculos após a expulsão de Tarquínio, cônsules ainda ocupavam cargos em Roma. Aguardando a procissão fúnebra, estavam agora sentados a céu aberto junto à rostra, bem à vista de todos. Ao lado deles, em trajes sóbrios de luto, outros membros da elite de Roma: homens de famílias distintas, de riqueza comprovada ou de valor chancelado por uma série de magistraturas e cargos de comando. Eram os *optimates*: a melhor classe. Sua autoridade remontava aos primórdios de Roma. O próprio Rômulo, dizia-se, havia reunido os cem homens mais importantes da cidade em seus primeiros passos, para que o servissem num conselho de idosos – um “senado” –, e reconhecia-os formalmente como os pais do Estado. A queda da monarquia apenas confirmou sua autoridade. Foi o Senado, após a expulsão de Tarquínio, que conduziu o povo romano em sua luta por independência; foi o Senado, nos séculos que se seguiram, que os guiou em sua conquista do mundo. Com certeza, os assuntos públicos da cidade – sua *res publica* – eram atribuição do povo, assim como do Senado de Roma; mas ninguém jamais duvidara de quem fazia de corpo e quem era a cabeça. *Senatus Populusque Romanus*: SPQR, o Senado e o Povo de Roma. Assim era a República romana.

E tudo começara com o espetáculo do corpo de uma mulher sendo depositado no Fórum. Nenhum senador, ao contemplar a rostra naquele dia de verão, quinhentos e setenta e três anos após a queda da monarquia, ignorava essa história. Lucrecia, de nobre estirpe, nobre

casamento e mulher de impecável virtude, havia sido estuprada pelo filho de Tarquínio. Reunindo o pai e o marido, contou-lhes do ultraje que sofrera e então se apunhalou até a morte. Seus parentes, “a quem a razão do suicídio de Lucrecia era motivo de vergonha e tristeza maior que o próprio suicídio”,⁵ carregaram seu cadáver e o levaram ao Fórum. Ali, atraída pelo chocante espetáculo, uma multidão começou a se formar. A fúria por uma mulher livre ter sido tratada como se fosse escravizada tomou conta da cidade. O povo romano, ultrajado e insultado, ergueu-se em defesa da própria liberdade. Um grave precedente havia sido estabelecido. Um romano, defrontado com a servidão, tinha apenas duas opções reais: ou tirar a própria vida ou matar o homem que o tivesse escravizado.

E agora, no mesmo lugar em que o corpo de Lucrecia havia sido exposto ao público cerca de seiscentos anos antes, o cadáver de outra mulher jazia aos olhos do povo reunido. Que lição esse segundo funeral ensinava? Com certeza, o nome da mulher morta – Popeia Sabina – dava mais que um indício de virtude antiga. Os Sabinos, povo rústico que habitava os campos e sopés de montanha que se estendiam a nordeste de Roma, haviam sido antigos parceiros na ascensão do povo romano à grandeza. Numa Pompílio, por exemplo, era sabino. O sonho de todo urbano cansado da cidade era se retirar para uma fazenda sabina. *Sabinus* também era sinônimo de valores honestos, do campo. Os ancestrais de Popeia, porém, já tinham deixado a roça para trás fazia muito tempo. O avô ocupara um consulado no mesmo ano que o próprio irmão. O padraсто e seu meio-irmão também haviam servido ambos como cônsules. A própria Popeia – apesar de inelegível naturalmente a uma magistratura por ser mulher – acabou mais famosa que qualquer um deles. Não menos que seu marido, tinha o maior prazer em ser alvo de comentários.

Com certeza, era uma mulher de muitas facetas. “Da mãe, a mais celebrada beleza de seus dias, herdara tanto a boa aparência quanto o renome.”⁶ Tinha uma inteligência formidável. Rica e bem-criada, Popeia se comportara em público com a dignidade apropriada a uma matrona romana. Isso, porém, não contribuiu em nada para impedir que se tornasse objeto de fantasias febris. Seu hábito de velar parte do rosto em público era visto não como expressão de recato, mas de provocação.

Os romanos eram um povo afeito a fofocas, e Popeia bem que lhes dera motivo. Calçava suas mulas com ferraduras de ouro. Banhava-se em leite de burra. Era tão promíscua quanto orgulhosa. Verdade ou não, esses rumores jamais teriam se alastrado como o fizeram sem a chama do seu carisma e apelo sexual. As mulheres queriam ser como ela; os homens queriam levá-la para a cama. E agora estava morta. Sim, havia sido trazida para o Fórum, mas não era uma nova Lucrecia.

Então, o que fazia ali aquela mulher proclamada deusa, eternamente bela, uma Vênus sabina? Os senadores em suas togas de luto haviam se reunido no Fórum naquele dia de verão não por vontade própria, mas obedecendo aos desejos do marido dela. Por quase onze anos, o Imperator Nero Cláudio César Augusto Germânico havia sido reconhecido pelo povo romano como *Princeps*: Primeiro Cidadão. O título tinha raízes antigas. Por mais rabugentos e desconfiados que os grandes homens da República invariavelmente fossem, era possível – quando não fosse absolutamente possível negá-lo – que um cidadão que tivesse realizado algo formidável fosse reconhecido como *princeps*. Não se tratava de uma categoria hierárquica oficial, e gerava sempre muito ressentimento. Um cidadão precisava ter salvado o povo romano de um inimigo externo terrível, ou garantido conquistas espetaculares, ou servido como modelo de retidão particular para que lhe fosse dado esse título. Nero, no entanto, não fizera nenhuma dessas coisas. Embora fosse um pressuposto muito enraizado entre as elites romanas que as responsabilidades eram adequadamente propiciadas pela idade, e que a juventude não merecia muito crédito, ele fora saudado como *princeps* pela primeira vez com apenas 17 anos. Senadores, longe de torcerem o nariz a esse extravagante elogio, fizeram de tudo para votar-lhe uma série de poderes legais. Honrarias, prerrogativas, sacerdócios: Nero tivera tudo. O resultado havia sido dar-lhe, com efeito, o domínio do mundo romano. “César é a República.”⁷ Era o que se dizia. Quando Nero decidia promover um funeral público no Fórum, era necessário ser uma alma corajosa para recusar o convite.

Se tudo isso soava bastante como uma monarquia, é porque de fato era. Muita coisa havia mudado em Roma no decorrer do século precedente. Os senadores no Fórum daquele dia tinham apenas que olhar a colina acima para apreciar esse fato. O Palatino, antes cheio de

mansões dos detentores de poder da República, era agora propriedade de um único homem: o próprio Nero. A capacidade dos clãs aristocráticos de Roma de marcar sua presença no local mais nobre da cidade fora sistematicamente degradada até desaparecer. Mesmo a Casa do Senado, um complexo de câmaras logo atrás da Lapis Niger, ostentava o nome de Júlio César. E também o reluzente fórum que se estendia atrás dela. O mesmo butim gálico que bancara o gosto de César por *grands projets* havia-lhe permitido colocar a República inteira à sombra dele. Apoiado pelas legiões aceradas nos campos de matança da Gália, fizera com que as tradicionais estruturas romanas de governo desabassem em ruínas. Vitorioso numa sangrenta guerra civil, César acabou como dono de Roma.

Inevitavelmente, muitos que foram seus pares acharam isso incabível. Conscientes de serem eles os herdeiros dos antigos heróis que haviam expulsado Tarquínio e seu filho estuprador, derrubaram César sob uma saraivada de golpes de adaga. Esse ato desesperado, no entanto, não contribuiu em nada para restaurar a República. Em vez disso, o mundo romano mergulhou de novo na guerra civil, sendo por ela assolada por mais de uma década. Chefes militares lutavam entre eles. Ao final desse ciclo homicida de violência, restaram apenas dois em pé. Um era o mais formidável lugar-tenente de César, um experiente veterano de grande carisma e apetites ainda maiores: Marco Antônio. O outro era o filho adotivo e herdeiro de César: o jovem que viria a ficar conhecido como Augusto. Em 31 a.C., os dois chefes militares defrontaram-se numa grande batalha naval em Áccio, uma baía na costa oeste da Grécia. Antônio foi derrotado, e no ano seguinte cometeu suicídio. Foi o filho de César – e não seu lugar-tenente – que emergiu triunfante na grande disputa pelo mundo. A massa do povo romano, em vez de se ressentir de seu domínio, acolheu-o. Estavam cansados de caos e de derramamento de sangue. Ansiavam por paz. Melhor uma monarquia que a anarquia. A República, para todos os efeitos e propósitos, estava morta.

Augusto, porém, sabia fazer melhor do que esfregar o nariz de seus compatriotas nessa realidade. Tão sutil quanto autodisciplinado, não pretendia terminar como seu deificado pai: assassinado por seus colegas senadores. Para isso, fez tudo a seu alcance para encobrir sua supremacia. Insistia que havia restaurado a República. “Ele sempre abominara

‘Mestre’, achava-o um título amaldiçoado e desonroso.”⁸ Com certeza – por tudo que havia contemplado brevemente ao nomear a si próprio Rômulo –, Augusto não tivera intenção de governar como rei. Simplesmente não valia a pena o risco. Interessava-se pela realidade do poder, não pela ostentação. Por trás da fachada de governo republicano – os debates no Senado, a imponente sucessão de cônsules, a insistência na soberania do povo romano –, ele metodicamente agarrou as rédeas do Estado nas próprias mãos. O *imperium* que anteriormente havia sido compartilhado entre toda uma multidão de magistrados estava monopolizado, para todos os efeitos, por um único homem. Foi a esse régio escopo de poder que Nero, ao se tornar *princeps*, ganhou acesso. Estavam sujeitos à autoridade dele não apenas Roma, mas o mundo inteiro subordinado a Roma. Não surpreende, portanto, que ao longo das décadas que se seguiram ao tempo de vida de Augusto a palavra *imperium* tivesse aos poucos adquirido uma nova e sutil nuance de sentido. Não representava mais apenas os poderes exercidos por um *princeps*, passando a significar também a vasta extensão de territórios sujeita a esses mesmos poderes. Governar do jeito que Nero fez era governar um *imperium Romanum*: um “Império Romano”. Era tornar-se um *imperator* – um “imperador”.

“Seu destino é viver como num teatro, do qual a plateia é o mundo inteiro”: assim um conselheiro teria advertido Augusto.⁹ Não foi suficiente, porém, que um imperador tentasse atuar como ator. Diferentemente de um rei, ou de um cônsul, não tinha um texto pronto a seguir. Para ter sucesso em seu papel, precisava ele mesmo escrever o roteiro. Ninguém, é claro, entendeu isso mais completamente que o próprio Augusto; e ninguém teve também maior sucesso. Os imperadores que o seguiram oscilaram entre extremos. O sucessor imediato de Augusto, um herói de guerra e homem de formidáveis realizações chamado Tibério, poderia muito bem, caso tivesse vivido numa república livre, ter sido aclamado como *princeps* em razão das próprias realizações; mas esses dias haviam passado para sempre. Herdeiro de uma autocracia que secretamente desprezava, Tibério mostrou ser um péssimo ator, encarando com tamanho desdém não só o próprio papel como os adúladores que o cercavam que acabou se retirando de vez para a ilha de Capri. Nero, ao contrário, adorava desempenhar um papel. Amava o grande

palco. Primeiro *princeps* desde Augusto a adotar o título de *Imperator* como primeiro nome, comprazia-se com a ideia de que, sendo imperador, podia comandar a plateia do mundo inteiro. E adotara vários papéis. Posara como Apolo, o radiante deus da música. Posara como Sol, o celestial condutor da carruagem do sol. E havia não só tocado a lira e sido o cocheiro do astro, como o fizera diante dos olhares do público. Isso, pelos padrões da opinião conservadora de Roma, era uma chocante traição da dignidade que se esperava de qualquer cidadão, ainda mais de um *princeps*; mas muitos dentro do povo romano, membros da elite inclusive, haviam se empolgado com isso. Agora, juntando todo o seu gosto pela exibição ostensiva, todo o prazer pela grandiloquência, todo o seu pendor para o espetáculo, Nero estava pronto para desempenhar mais um papel: o de marido enlutado.

O cadáver de Popeia, recheado com especiarias, fora mumificado. Junto dele, empilhado com uma profusão sem precedentes, havia incenso de todo o Oriente: “os produtos da primavera da Cilícia, as flores de Sabá, as colheitas da Índia para alimentar chamas”.¹⁰ Tanto perfume fora importado da Arábia que se dizia que todo o suprimento anual da região fora exaurido. Popeia merecia esse rico tributo. Não meramente por ser uma deusa, mas por ter engravidado para dar um filho a Nero. A perda do menino – caso fosse mesmo um menino que carregava no ventre – foi uma tragédia não apenas para Nero, mas para todo o povo romano. A família de Augusto era algo sagrado, tocado pelo sobrenatural, numinoso com a potência de um homem que, ao salvar Roma da ruína, provara-se merecedor de reinar eternamente como um deus. Os herdeiros de Augusto, que haviam governado o mundo sem serem reis nem magistrados eleitos, fizeram-no como membros de sua casa: como Césares. Isso era verdade mesmo para aqueles que não compartilhavam sua linhagem de sangue. Tibério, por exemplo, governara o mundo como filho adotivo de Augusto. Nero, em contrapartida, era o artigo genuíno. Ao exaltar a esposa falecida ao Senado e ao povo de Roma, o fez como tataraneto de Augusto. Assim, ao prantearem Popeia, pranteavam também alguém mais: o bebê César natimorto.

A perda, como todos sabiam, havia sido dolorosa. Roma rapidamente ficava sem pessoas que pudessem ostentar o sangue sagrado de Augusto em suas veias. Os vários ramos da família de Augusto, naquele

meio século após sua morte, haviam sido podados sem descanso. Tibério, suspeito e ressentido em relação a quem quer que reivindicasse o domínio do império, mostrara-se particularmente homicida. Apenas uns poucos descendentes de Augusto haviam sobrevivido ao seu reinado. Desses, somente um – o jovem Caio, que desde a infância tinha o apelido de Calígula, ou “Botinhas” – estava qualificado por gênero a ser o sucessor no governo do mundo. Seu reinado não foi, para os *optimates*, uma experiência agradável. Na realidade, eles a relembavam como uma mostra aterradora “simplesmente do quanto o supremo vício pode ir longe quando combinado com o supremo poder”.¹¹ Quando, após quatro anos escandalosos e sanguinários, Calígula cometeu o erro de insultar um de seus guardas, sendo apunhalado até a morte no Palatino, muitos no Senado falaram abertamente em restaurar a República. Não foi apenas o trauma que todos haviam sofrido nas mãos de Calígula que os levou a pressionar nesse sentido. Foi também o fato de que, na esteira do assassinato daquele que os atormentava, não existia nenhum homem na linha sanguínea de sucessão de Augusto disponível para sucedê-lo. Como poderia alguém que não fosse um César governar como imperador? Parecia um problema insuperável.

No entanto, mostrou ser totalmente superável. Havia um excesso de pessoas poderosas com apostas demais no sistema de monarquia fundado por Augusto para não vê-lo perdurar. Cláudio, um sobrinho de Tibério que, apesar de um tique nervoso e de uma injustificada reputação de parvo, pelo menos fora criado na casa de Augusto. Os Pretorianos, a guarnição militar estacionada em Roma, saudaram-no como *imperator*, e os senadores, impotentes diante dessa *démarche*, curvaram-se ao inevitável, votando para dar a Cláudio o nome de César. O novo imperador, para surpresa de todos, foi muito bem-sucedido. Construiu aquedutos, patrocinou a construção de um novo porto na foz do Tibre e embarcou na conquista da Britânia. Mesmo assim, Cláudio nunca conseguiu suprimir totalmente a síndrome do impostor. Ao procurar em volta maneiras de fortalecer seu regime, o olhar dele recaiu sobre uma princesa da linha sanguínea de Augusto: uma irmã de Calígula, formidável e imperiosa, chamada Agripina. O fato de ela ser também sua sobrinha o deteve, mas apenas momentaneamente. Apesar da desaprovação de seus concidadãos pelo incesto, que viam como um costume

repulsivo, talvez próprio apenas de déspotas estrangeiros, e certamente não cabível para um romano, não hesitou em fazê-la sua esposa. A decisão prometia-lhe ser muito vantajosa. Não foi apenas sua legitimidade que se viu reforçada pelo casamento, mas também a de seus dois filhos de uma esposa anterior: uma menina chamada Otávia e um garoto chamado Britannicus. Não só isso. Agripina foi capaz de contribuir ainda mais para as perspectivas da dinastia. Ela tinha um filho: mais velho que Britannicus, com idade de herdar o governo do império, e com sangue de Augusto nas veias. Esse filho era Nero.

Podia parecer, então, que Cláudio tivesse dado um golpe de mestre. Em 53 d.C., quando casou seu novo enteado com Otávia, a redenção da família de Augusto da extinção pareceu completa. Com Britannicus, o próprio filho, que logo alcançaria a maioridade, e toda a probabilidade de que Otávia logo lhe desse netos, Cláudio podia olhar o futuro com confiança. Mas suas expectativas sofreriam uma triste decepção. Logo que Nero se casou com sua meia-irmã, a morte rondou de novo a família de Augusto. Em 54 d.C., Cláudio morreu durante uma ceia. E também, no ano seguinte, Britannicus. Correram boatos de que a culpa por ambas as mortes seria de Nero. Quatro anos mais tarde, quando Agripina foi eliminada por um esquadrão pretoriano – apunhalada no ventre, segundo se comentou –, a responsabilidade do jovem imperador era evidente: e ele a admitiu abertamente. As pessoas acusaram e acreditaram que havia sido Popeia que o incentivara ao matricídio; e, com certeza, não poderia haver dúvidas em relação ao papel dela no crime seguinte de Nero. Em 62, ansioso para se casar com a mulher pela qual se apaixonara, e que já estava grávida dele, Nero divorciou-se de Otávia. Então, pouco tempo depois de enviá-la ao exílio numa pequena ilha do litoral italiano, mandou executá-la. A acusação: adultério. A cabeça decepada de Otávia foi entregue de presente a Popeia. Uma vez mais, a família de Augusto ficava à beira da extinção. Uma vez mais, seu futuro pendia por um fio.

Que tivesse sido o próprio Nero que carregasse a principal responsabilidade por essa situação precária talvez ajude a explicar a escala titânica de seu pesar, agora que Popeia também estava morta – bem como o filho que ela trazia dele. Quem poderia dizer o quanto corria fundo sua culpa? As fofocas diziam que a esposa teria reclamado de

ele ter ficado até tarde nas corridas, e que, por isso, Nero perdera momentaneamente o senso e chutado o ventre dela, que então teria morrido em razão do aborto. Seria verdade essa história? Sem dúvida, na opinião de seus inimigos, não havia crime tão sórdido ou terrível que Nero não fosse capaz de cometer. No entanto, era igualmente possível encarar seu luto sob uma perspectiva muito diferente. Muitos o veem como tema adequado a rivalizar com as histórias de deuses e heróis. Havia sido a própria Vênus, assim escreveu um poeta, que chegara ao Palatino para reclamar Popeia; a deusa a teria levado embora numa caruagem, subindo aos céus e passando por estrelas cadentes e planetas, até um lugar de honra bem acima do polo norte. “Deprimida estava, e não sentiu alegria pelo favor que lhe fora prestado. Pois deixava para trás seu marido, um homem igualado aos deuses. Em alta voz, então, em suas ânsias por ele, lamentou-se.”¹²

Assim como se lamentou por ela. Pesada e estupidamente cara, aquela nuvem de incenso pairava sobre as fileiras de enlutados. Mesmo enquanto Nero ainda pronunciava seu elogio fúnebre, já começara a deslizar sobre o fórum de Júlio César, acima dos muros da cidade e pela extensão de monumentos e parques depois do Capitólio, o chamado Campus Martius – Campo de Marte. Em épocas anteriores, era onde os cidadãos romanos convocados para a guerra se reuniam para prestar o juramento que os transformava de civis em soldados. Agora o Campus era um lugar para expor as artes da paz. Era onde as pessoas iam se exercitar, ou fazer piqueniques junto a um lago artificial, ou se permitir algumas compras de luxo. Havia ali casas de banho, teatros e templos. Era algo típico do Campus que o mais esplêndido dos templos, construído ainda nos dias da supremacia de Augusto, tivesse sido dedicado não apenas a um deus, ou a alguns poucos, mas a todos os deuses: o Panteão.

Ninguém passeando pelo Campus poderia esquecer que o próprio Augusto passara a ser listado em suas fileiras. Por toda parte havia monumentos em sua glória. Mais sombrio era um grande mausoléu circular, adornado com ciprestes e encimado por um templo funerário, no extremo mais distante do local. Era ali, no túmulo que Augusto construía para ele mesmo, que haviam sido depositadas também as cinzas dos predecessores de Nero: Tibério, Calígula e Cláudio. E também

as cinzas das grandes mulheres da família de Augusto: de matriarcas a princesas. Augusto não era o único deus cujos restos tinham sido colocados para descansar no mausoléu. Tanto a esposa dele como Cláudio haviam sido similarmente deificados. Agora, com o discurso de Nero concluído, e os carregadores do caixão arcando com o peso, tudo o que restava na terra desse outro deus estava sendo levado para se juntar a eles. Saindo do Fórum, passando por um dos portões dos muros da cidade, entrando no Campus Martius, a procissão funerária seguiu até o mausoléu. Bem no fundo dos intestinos do complexo, uma câmara os aguardava. Uma câmara adequada para a múmia de Popeia.

Para alguns, isso foi desapontador. “O procedimento romano é dispor de um corpo cremando-o.”¹³ Desde a cremação de Augusto, quando teatralizações com chamas mantiveram as multidões entretidas durante horas, o funeral de um membro da família de Augusto vinha servindo para as pessoas como garantia de espetáculo. Nero, porém, apesar de ser um homem-espetáculo, sabia que o entusiasmo de muitos na cidade por extravagâncias de fogo sofrera um golpe recente. No ano anterior, um incêndio devastador havia varrido Roma. Nada nessa escala havia sido testemunhado antes. A tempestade de fogo ardera dias seguidos. Cerca de um quarto a um terço da cidade virou entulho enegrecido. Depois de um ano, as terríveis cicatrizes continuavam ainda a desfigurar a cidade. Edifícios ao longo do cume leste do Palatino foram destruídos, e também árvores antigas, muito queridas. Além de um trecho do Fórum. De outros bairros, com ruas apinhadas de construções de madeira, não sobrara nada. Um grande número de pessoas, que perderam suas casas naquele inferno, não tinham alternativa a não ser ficar acampadas no Campus. Essa espécie de favela estendia-se por quilômetros. A procissão funerária, deixando para trás os muros da cidade, não teve como evitar passar pelas massas destituídas, amontoadas em suas tendas. À frente dos enlutados, estendia-se a área pavimentada externa ao mausoléu onde eram realizadas as cremações. Aqui, em circunstâncias normais, num dia em que estivesse sendo celebrado o funeral de algum membro da família de Augusto, teria sido erguida uma pira. Mas nenhuma pira aguardava Popeia. Os carregadores do caixão seguiram em frente e adentraram o frio do túmulo. A múmia desapareceu da vista do público. Não era hora nem lugar de pirotecnias.

UM RETRATO IMPRESSIONANTE DE ROMA EM SUA GRANDEZA

A Pax Romana há muito tempo é reverenciada como uma era dourada. Em seu apogeu, o Império Romano se estendia da Escócia até a Arábia e abrigava talvez um quarto da humanidade. Era o Estado mais rico e poderoso que o mundo já havia visto.

Do ano em que quatro Césares governaram o império sucessivamente até a morte de Adriano, *Pax* apresenta uma deslumbrante história de Roma no ápice de seu poder. O historiador Tom Holland retrata o Império Romano em toda a sua glória predatória, com relatos cinematográficos da destruição de Jerusalém e Pompeia, da construção do Coliseu e da Muralha de Adriano, das conquistas de Trajano e outros episódios primordiais da capital dourada aos territórios além das fronteiras. Ao retratar de forma vívida a experiência dos romanos, tanto os comuns quanto os extraordinários – de escravizados a imperadores –, Holland demonstra como a paz romana foi fruto de uma violência militar sem precedentes.



“Fantástico: ousado, ambicioso e apaixonado.”

PETER FRANKOPAN, autor de *O coração do mundo*

“Tom Holland é divertido de ler, monstruosamente erudito, perversamente espirituoso e está à frente do consenso estabelecido.”

NASSIM NICHOLAS TALEB, autor de *Antifrágil*
e *A lógica do Cisne Negro*

CRÍTICA



9 788542 244885